

## ESCATOLOGIA - A META DA HISTÓRIA

TRABALHO DE CURSO | 1982 – 1985

DISCIPLINA: TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

### SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	2
<b>1. REALIDADE PRESENTE E FUTURA .....</b>	<b>2</b>
1.1 Escatologia realizada .....	2
1.2 Escatologia não realizada .....	3
1.3 Os últimos dias.....	4
<b>2. A "PAROUSIA" .....</b>	<b>4</b>
2.1 Terminologia.....	4
2.2 Já, porém não ainda .....	5
2.3 Uma vinda real.....	5
2.4 Iminência e retardo .....	6
2.5 O fim .....	7
2.6 O milênio.....	7
<b>3. A RESSURREIÇÃO .....</b>	<b>8</b>
3.1 Dois conceitos em conflito .....	8
3.2 A natureza do corpo ressuscitado .....	8
3.3 Um estado intermediário .....	9
3.4 Dois pontos de vista em Coríntios ? .....	9
3.5 Redenção cósmica .....	10
<b>4. TEMPO E ETERNIDADE.....</b>	<b>10</b>
<b>5. JUÍZO E DESTINO ETERNO.....</b>	<b>12</b>
5.1 Juízo .....	12
5.2 Separação .....	12
5.3 Hades .....	12
5.4 Céu .....	13
<b>5. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>13</b>



## O NOVO PACTO EM HEBREUS

### INTRODUÇÃO

Seja o que for que se diga do significado de "*eskaton*", o fato da escatologia no Novo Testamento está mais além que toda a discussão. Todo o Novo Testamento é escatológico enquanto vê a história como algo movido por Deus até uma meta. Pelo lado negativo, esta meta deve ser entendida como juízo; pelo lado positivo, como a Redenção. A extensão em que esta meta ou "*eskaton*" tem sido realizada ou segue sem realizar é algo sujeito a debate, porém todo o NT dá por aceito que um "*eskaton*" é definitivo. Só Filemon e 3João, de vinte e cinco e quinze versículos respectivamente, carecem de referências "para as esperanças e expectativas concernentes ao futuro e as últimas coisas". Fazer como se faz aqui, da escatologia o último capítulo de um livro, de alguma maneira leva a confusão, porque a escatologia corresponde a todo o estudo de teologia neotestamentária. Não é um apêndice.

O ponto de vista escatológico da história, que caracteriza o NT, contrasta com diversos pontos de vista não bíblicos. Tem havido um ponto de vista cíclico no qual a história é vista repetindo-se a si mesma, retomando periodicamente suas pisadas. Este ponto de vista cíclico, que presume a repetição dos fatos e, também, a reencarnação dos indivíduos, não é a do NT. O ponto de vista evolucionista no qual a história é vista como progredindo por seu próprio poder é igualmente estranha ao NT. No ponto de vista escatológico, Deus é visto como começo da história, por cima da mesma e, apesar disso, dentro dela e movendo-a até sua meta.

A escatologia é uma interpretação da história, tal como a vê desde seu fim ou meta. Não é simplesmente algo colocado ao final da Teologia. Sua preocupação "não é a de prover um mapa para o futuro, senão apresentar um critério para o presente". A escatologia se refere às últimas coisas (*eskaton* significa "último") e sobre seu fim (*telos*), porém sua preocupação é da mesma forma com as eternas consequências do presente. O fato de que a história se está movendo até sua meta – quando o juízo e a liberação serão levados à sua consumação – torna-se claro a importância de uma decisão agora.

## 1. REALIDADE PRESENTE E FUTURA

### 1.1 Escatologia realizada

O termo "escatologia realizada" que salienta a realidade presente, o Reino de Deus; é associado primordialmente com o nome de C. H. Dodd. A ideia foi apresentada realmente por escritores anteriores.

Dodd é o principal responsável pela ênfase atual e por muito da compreensão do "*eskaton*" como já realizado. Argumenta convincentemente que em Jesus Cristo "o *eskaton* tem entrado na história; a norma escondida de Deus tem sido revelada; a era

que havia de vir já veio". A realização ou o estabelecimento do "eskaton" dentro da história é indicado de várias maneiras:

“(1) Cumprimento: Jesus predisse o evangelho de Deus, dizendo: ‘O tempo está cumprido e o Reino de Deus está próximo’ (Mc 1.15). Paulo escreveu que 'na plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho' (Gl 4.4).”

“(2) O Sobrenatural: os milagres do NT são escatológicos. Antecipam o que será finalmente a completa vitória sobre a possessão de demônios, enfermidade e morte pelo reinado de Deus.”

“(3) Derrota dos poderes do mal: Jesus explicou assim o significado dos exorcismos: ‘Se eu pelo Espírito de Deus expulso os demônios, certamente tem chegado a vós o Reino de Deus’ (Mt 12.28).”

“(4) Juízo: o evangelho de Deus são as boas novas de que ele tem vindo em juízo assim como para liberação (Jo 3.19). Daí que o evangelho requer tanto arrependimento como fé” (Mc 1.15).

“(5) Vida eterna: a vida da era que há de vir já veio em Jesus Cristo (Jo 3.16; 6.54, 58). É a vida sob o governo de Deus.”

É assim que a escatologia concorda com o ponto de vista de que a história tem uma meta na qual o juízo e a redenção são levados a sua última expressão. A escatologia realizada é o ponto de vista de que quando Jesus veio a este mundo, vieram o mesmo juízo e redenção. O que será completado finalmente já está presente em Jesus. Quando a Palavra se fez carne, Deus veio à história com seu dom e reclame definitivos. Jesus citou suas obras, em particular a expulsão de demônios, como evidência de que o Reino de Deus havia chegado e estava vencendo o Reino de Satanás. Ele disse: *“Se expulso pelo Espírito de Deus os demônios, certamente é chegado até vós o Reino de Deus”* (Mt 12.28).

## **1.2 Escatologia não realizada**

Dizer que o Reino de Deus é chegado não é negar que ainda deve vir sua consumação. Ver o "eskaton" como algo realizado é vê-lo como estabelecido, porém não esgotado na história. Paradoxalmente, o "eskaton" tem vindo e ainda há de vir.

Dodd, de acordo com muitos dos seus críticos, ao menos em seus primeiros escritos, parece haver excluído qualquer ideia futura da escatologia. Possivelmente isto não é exato quanto a Dodd, porque em 1936, escreveu: "sem dúvida, se bem que o NT afirma que o grande feito divino ocorreu, ainda resta um resíduo de escatologia que não se esgotou na "escatologia realizada" do evangelho, ou seja, o elemento da mesma finalidade. Embora a história ainda continue, um ponto de vista sobre o mundo, que, como o ponto de vista profético e cristão, insiste em que a história é uma unidade, deve necessariamente representar-se como tendo um fim assim como um princípio, por muito impossível que seja para a filosofia admitir a ideia de tempo finito. Deste modo, a ideia de uma segunda vinda de Cristo aparece junto com a enfática assertiva de que

sua vinda na história satisfaz todas as condições do feito escatológico, exceto o da finalização absoluta. Aqui Dodd parece entender que a história tem um "fim" ligado com a "segunda vinda" de Cristo. Seja qual for a verdade quanto a Dodd, isto parece ser o ensinamento neotestamentário.

Jesus falou da vinda de fatos catastróficos, como são descritos em Marcos 13 e seus paralelos (Mt 24.1-36; Lc 21.5-36). Aparentemente, um de seus principais propósitos foi o de dar segurança de que a vida vai além destes acontecimentos. "Ainda não é o fim (*telos*)" (Mc 13.7). Sua morte e destruição de Jerusalém exigiram muito da fé de seus discípulos. Cada um destes acontecimentos parecia ser o fim, porém não o eram. O fim, num sentido definitivo, havia de estar ligado com sua morte-ressurreição. Jesus predisse um tempo quando ele seria afastado de seus discípulos (Mc 2.20) e sem dúvida, eles não ficariam órfãos, pois em um sentido real ele estaria com eles (Jo 14.18).

### **1.3 Os últimos dias**

Os autores do NT se viam a si mesmos como vivendo nos últimos dias. No Pentecostes, Pedro interpretou a vinda do Espírito Santo como o cumprimento da promessa em Joel de que Deus derramaria seu Espírito "nos últimos dias" (At 2.17). Em Hebreus, Deus ao falar do seu Filho, é descrito dizendo "nestes últimos dias" (1.2). João disse explicitamente: "Já é o último tempo" (1Jo 2.18). As condições descritas como as que correspondem aos últimos dias (2Tm 3.1; Jd 18) têm como intenção descrever os tempos do autor. Os tempos perigosos e maus descritos eram os desses autores e leitores. Os "Últimos tempos" haviam começado quando a Palavra se fez carne.

A referência ao futuro, assim como ao presente, se encontra na referência de João ao "dia final", ao empregar-se a forma singular para "dia" (Jo 11.24). Jesus declarou ser a ressurreição e a vida (v.25). Em João 6.39-40, a vida eterna é considerada uma ressurreição "no dia final". Há um elemento de futuro na referência a um juízo por vir "no dia final" (12.48). De modo que o juízo não é só uma realidade presente (3.19); também pertence ao último dia, considerado como futuro (12.48).

O paradoxo que se encontra ao longo do NT se baseia nas frases "os últimos dias" ou "o dia final". O juízo é presente e futuro. Do mesmo modo, a ressurreição é presente e futura. Tanto o juízo como a vida ressurreta vêm agora em Cristo; ambas virão em plenitude em Cristo. O que há de vir em plenitude já está presente nele. Os últimos dias vêm com ele; o último dia nos espera em sua vinda.

## **2. A "PAROUSIA"**

### **2.1 Terminologia**

"*Parousia*" é um termo neotestamentário cujo significado é algo difícil de assimilar. Etimologicamente, significa "estar ao lado". Algumas vezes significa só a simples ideia de presença, como algo distinto de ausência (*apousia*), como em Filipenses 2.12 e, possivelmente, em 1Coríntios 16.17. Descreve em 2Coríntios 7.6 a chegada ou

presença de Tito, e em Filipenses 1.26 a chegada (ou presença) de Paulo. Como termo técnico se projeta em duas direções, pode designar a vinda de uma pessoa divina ou a visita de um personagem da realeza. No NT se usa especialmente para designar a vinda de Cristo ressuscitado a seu povo ao final de um intervalo de tempo indeterminado, de pois de sua ressurreição (Conforme Mt 24.3, 27, 37, 39; 1Co 15.23; 1Ts 2.19; 3.13; 4.15; 5.23; 2Ts 2.1, 8; Tg 5.7-8; 2Pe 1.16; 3.4,12; 1Jo 2.28).

"Segunda vinda" não é um termo neotestamentário. O mais próximo a ele é a declaração de Hebreus: "aparecerá pela segunda vez, sem pecado, para salvar os que o esperam" (9.28). O uso mais antigo do termo "segunda vinda" parece ser de Justino Mártir, na metade do segundo século. A vinda futura não é um fato isolado; é a plenitude de uma "*parousia*" começada em sua morte e ressurreição. O triunfo do fato da morte-ressurreição é o que assegura o triunfo da vinda futura.

## **2.2 Já, porém não ainda**

A *parousia* é presente e futura. Cristo está presente e há de vir. Paradoxalmente, posso dizer: "vos falei, estando ainda convosco"(Lc 24.44) e "Eu estou convosco todos os dias" (Mt 28.20). Em Atos 2.29-36, Jesus já está entronizado por sua ressurreição, já foi feito Senhor e Cristo e, por sua vez, está presente e ativo em sua igreja por meio do Espírito Santo. Em Atos 3.19-21, ele é o Cristo "a quem é necessário que o céu receba até os tempos da restauração de todas as coisas", aquele que há de ser enviado da presença do Senhor.

Paulo olha claramente para frente e fala da vinda de Cristo em um sentido futuro (1Ts 2.19; 3.13; 4.15; 5.23; 2Ts 2.1, 8; 1Co 15.23; Fp 3.20) e, sem dúvida, baseou toda a sua fé e vida na declaração firme de que Cristo se lhe havia aparecido (1Co 15.8).

Nas cartas aos tessalonicenses, precisamente onde o futuro é tão enfático, Paulo pensava de Cristo não em alguém ausente, no céu, mas presente, dirigindo seus caminhos e os deles.

O evangelho de João é enfático sobre uma futura vinda (14.3, 18, 19, 28; 16.16, 22) e fala claramente da ressurreição e do juízo final "no dia final" (5.28, 29; 6.39, 40, 54; 11.24; 12.48); entretanto, ao longo deste quarto evangelho, a vida eterna, o juízo e a ressurreição são realidades presentes (3.18,19; 4.23; 5.25; 6.54; 11.23-24; 12.28, 31; 13.31-32; 14.17; 17.26).

É importante ver que a vinda "ao fim do mundo" está associada com a "vinda nas nuvens" por meio do triunfo da morte-ressurreição. O que há de vir já está presente. A vitória que há de ser completada na *parousia* já foi ganha em sua morte e ressurreição.

## **2.3 Uma vinda real**

A *parousia* se refere a uma vinda real a seu povo, não simplesmente uma ida a seu Pai. Provavelmente é correto ver em Marcos 14.62 um reflexo do Salmo 110.1 e Daniel 7.13 e interpretar que "vir com as nuvens" (Mc 14.62) ou "vir nas nuvens" (13.26) se refere a ascensão triunfante do Filho do Homem ao Pai.

John A. T. Robinson sustenta que a origem da divisão do fato escatológico da vinda de Cristo em duas vindas há de encontrar-se na igreja e não em Jesus. Esta divisão, segundo ele, procede da dúvida da igreja para crer que o fato messiânico já havia ocorrido plenamente, perguntando-se: "És tu real e plenamente 'o que havia de vir' ou temos de esperar a 'este mesmo Jesus' outra vez?" Robinson sustenta que no antigo ponto de vista, Jesus foi considerado como já exaltado em glória e completada sua ascensão ao Pai por sua união com os discípulos no Pai, sendo esta mútua coabitação a essência da *parousia*. Assim é igual a *parousia* com o corpo de Cristo, reconhecendo só uma vinda, "Começando no Natal, aperfeiçoada na cruz e continuada até que nós todos sejamos incluídos nela".

No seu todo, o argumento de Robinson é cuidadoso e lógico e, para muitos eruditos, muito convincente. Necessariamente o argumento é em muito subjetivo e sua conclusão de que Jesus não anunciou uma "segunda vinda" mais além do que ocorreu em sua morte-ressurreição é extremamente precária.

É claro que Jesus visualizou um fim para a história, um juízo final (Mt 5.21-30; 7.22; 10.15; 11.21-24; 12.36, 41, 42; Lc 10.12-15; 11.31-32), uma ressurreição geral (Mc 12.25-27; Lc 14.14) e uma separação final entre os salvos e os perdidos (Mt 8.11-12; 13.24-30, 36-43, 47-50; 25.31-46). Também previa que haveria um tempo na terra quando seus discípulos deveriam ir a seu trabalho sem sua presença visível. Este seria um tempo para o jejum, por haver sido tirado o noivo (Mc 2.20) e, também, um tempo de gostosa recordação, celebrada a miúdo por meio do "pão" e do "cálice" (Lc 22.17-20; 1Co 11.24-25).

## 2.4 Iminência e retardo

O fato de que a *parousia* como retorno visível de Jesus ao mundo não teve lugar na primeira geração trouxe sérios problemas aos primitivos cristãos. Em Tessalônica, alguns dos santos pensavam apenas em um retorno iminente do Senhor, alguns com excitação e desordem e outros com temor e desalento (1Ts 4.13 – 5.11; 2Ts 2.1; 3.6-13). A segunda epístola de Pedro trata com os "burladores" que perguntam "onde está a promessa de sua *parousia*?" (3.4). O prolongado "retardo" é difícil de explicar à luz da expectativa de uma *parousia* iminente atribuída a Jesus no NT.

Jesus alertou a seus discípulos a esperar uma *parousia* iminente ao dizer: "Certamente vos digo, que não passará esta geração até que tudo isto aconteça" (Mc 13.30; Mt 24.34). O mesmo Jesus é citado dizendo: "Porém daquele dia e hora ninguém sabe, nem ainda os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai" (Mc 13.32; Mt 24.36).

Não parece que dessa maneira a igreja houvesse posto limite ao conhecimento de Jesus; a declaração se entende melhor como algo que provém de Jesus mesmo; ele predisse o fato da *parousia*, porém negou conhecer o tempo de sua realização. Também advertiu a seus seguidores contra o tratar de saber o que só é conhecido pelo Pai. Jesus deixou lugar para a *parousia* em um sentido imediato: "Eis que estou convosco todos os dias" (Mt 28.20) e em um sentido futuro, depois de uma ausência implicada ao dizer

"estando ainda convosco" (Lc 24.44). O que veio e o que há de vir está presente agora em um sentido real.

## 2.5 O fim

A palavra "*telos*", normalmente traduzida "fim", não é tão simples como pode parecer. Pode designar o término ou cessação, uma clausura ou conclusão, um fim ou meta ou pode ter alguma força verbal. Seu uso escatológico em Marcos 13.7 (e seus paralelos) e em 1Coríntios 15.24 nos interessam a este respeito. Jesus se referiu ao fim em uma advertência aos discípulos de que não fossem desviados pelos falsos profetas e messias e que não confundissem as "guerras e rumores de guerras" com os sinais do fim. Jesus disse que estas coisas viriam, "porém ainda não é o fim"(Mc 13.7). Kennedy crê que "*telos*" significa muito mais do que "término", sustentando que expressa a ideia de uma meta. Trata de referi-lo à "consumação final, à perfeita realização do propósito divino", fato possível pela eliminação de todo o poder rival ou autoridade com poder. O fim (*telos*) é distinguido da *parousia*, ainda que a palavra "*logo*" (*eita*) não tem por que implicar um intervalo de qualquer duração.

O "fim" ou meta designa assim a completa destruição de toda hostilidade a Deus, pondo todos os inimigos debaixo de seus pés, sendo o último inimigo a morte (1Co 15.25, 26). Jesus advertiu que o "fim" ou meta não seria alcançado por tais guerras "messiânicas" como imaginavam muitos (Mc 13.7). Paulo escreveu que o "fim" ou meta se alcança quando a morte como último inimigo, será vencida na ressurreição daqueles que estão em Cristo (1Co 15.22-26).

## 2.6 O milênio

Milênio é um termo de origem latina, que se emprega para designar o reinado de mil anos mencionada em Apocalipse 20.4-6. O NT não tem outra referência a este reinado de mil anos. Este reinado é atribuído aos mártires cristãos que foram mortos por seu testemunho de Cristo e sua recusa em adorar "a besta nem a sua imagem"(v.4); deles se diz que "reinarão com Cristo mil anos".

Não parece que o autor do Apocalipse intentara que os mil anos fossem tomados literalmente. O autor deu detalhes e chaves ao longo do livro de modo tal que algo maior que o significado literal possa ser buscado (por exemplo: 1.1, 20; 13.18; 17.9). Em todas as partes, no Apocalipse não há indicação de que os números devam ser tomados em um sentido literal. Parecem ter um significado qualitativo mais que quantitativo. "Mil" é provavelmente um número redondo que simboliza o completamento. No Apocalipse, isto é um dramático modo de assegurar aos mártires cristãos que eles reinariam plenamente com Cristo. Isto contrasta com o total destronamento de Satanás, que há de ser preso pelo mesmo período de mil anos (20.2, 7).

O Apocalipse é um tipo de literatura dramático-poético com sua própria maneira de levar sua mensagem. Tomá-lo seriamente e honestamente se requer não tomar literalmente as imagens apocalípticas, que nunca tiveram como intenção o serem tomadas literalmente.

O propósito do Apocalipse – no que diz de mil anos e no restante – não é dar de antemão uma descrição dos acontecimentos que Jesus mesmo disse que pertenciam só ao conhecimento do Pai. O propósito é o de assegurar aos ameaçados santos que ao darem suas vidas por Cristo reinarão com ele que é "Rei dos reis e Senhor dos Senhores" (19.16).

### **3. A RESSURREIÇÃO**

#### **3.1 Dois conceitos em conflito**

É importante distinguir desde o princípio entre as ideias de "imortalidade da alma" e "ressurreição do corpo". Ambas são antigas e mui amplamente sustentadas. De acordo com este critério a "alma" existe antes de sua morada em um corpo e sobrevive depois de ser libertada do corpo quando este morre. Em alguns sistemas, a "alma" é considerada a parte essencial do ser e o corpo a "prisão" ou "tumba" do qual a alma é libertada pela morte. Desse modo, a morte chega a ser a amiga da alma.

Tudo isto é estranho à teologia do NT. Sua doutrina do homem, vista em sua totalidade, exige a da ressurreição, não a "imortalidade da alma". O homem é uma alma; não só tem uma. O corpo e a alma descrevem ambos o homem total, cada qual de sua perspectiva.

A crença na ressurreição corporal é antiga e muito difundida. Os antigos monumentos egípcios, com suas complexas tumbas e arranjos funerários, são eloquentes como testemunho desta antiga crença.

No AT, esta esperança veio somente como expressão gradual e nunca é destacada. No NT é básica. Paulo chegou a dizer que o "*kerygma*" (o que pregamos) e nossa fé seria vã se não houvesse ressurreição (1Co 15.13-19).

Falar da ressurreição como algo "corporal" é uma redundância, porque a ressurreição implica o corpo como um aspecto essencial do ser total. O homem é um ser corporal na criação, em seu nascimento e sempre.

A descrição de 1Coríntios 15.3-8 não é o de uma simples sensação da presença de Jesus. Paulo estava falando de uma aparição visível que podia ser contada dando nomes e números.

#### **3.2 A natureza do corpo ressuscitado**

O que mais se aproxima a uma descrição de corpo ressuscitado está em 1Coríntios 15.35-54. Esta passagem trata explicitamente da questão concernente ao "tipo de corpo" que terão os ressuscitados (v.35). Emprega a analogia da semente e colheita, indicando que em ambos os casos há tanto continuidade como descontinuidade (vv.37-38). A semente que é semeada deve morrer. A semente ou o

grão produzido tem um novo corpo, e, apesar disso, é a mesma vida que continua. O corpo que morre e o que ressuscita são o mesmo e, entretanto, não são o mesmo.

Paulo argumenta que o corpo é semeado como corpo natural, porém é levantado como corpo espiritual (1Co 15.44). Por "corpo espiritual" não quer dizer fantasmal, imaterial.

Aqueles que estiverem vivos na *parousia* de Cristo serão transformados e os mortos serão levantados quando a "última trombeta" soar (vv.51-52). A principal preocupação de Paulo aqui era a de dizer que o "corpo espiritual" será imortal (vv.53-57).

As descrições do corpo ressuscitado de Jesus são muito difíceis de acoplar em um todo harmônico. Não foi reconhecido imediatamente por Marta (Jo 20.15-16) nem pelos discípulos a caminho de Emaús (Lc 24.30-31). Apareceu aos discípulos quando as portas estavam trancadas (Jo 20.19); além disso, lhes pode mostrar suas mãos e pés e comer um pedaço de pescado assado (Lc 24.39, 43) etc. Aparentemente Lucas e João queriam insistir que Jesus ressuscitou em corpo de carne, havendo vencido a morte. Possivelmente, é melhor concluir simplesmente que havia continuidade e descontinuidade entre "o corpo semeado" e o "corpo ressuscitado"; era o mesmo corpo e, entretanto, era um corpo transformado. A parte de sua natureza exata, o corpo ressuscitado de Jesus claramente foi real.

### **3.3 Um estado intermediário**

O NT não é claro quanto ao estado intermediário daqueles que são mortos. Nunca fala de um "estado intermediário" e não é claro que deixe lugar para ele. Nunca fala de um "estado desencarnado" e esta ideia parece estranha ao NT. Há versículos isolados que podem implicar um estado desencarnado, porém isto não é de nenhuma maneira seguro. Não há nenhum caso em que o escritor bíblico descreva uma pessoa fora do corpo. Moisés e Elias, na transfiguração, são representados em estado corporal, considerando a sugestão de que era possível fazer-lhes tendas (Lc 9.33). O homem rico no hades é apresentado desejando água para sua língua, de modo que não estava completamente fora do corpo (Lc 16.24).

Há passagens no NT que parecem indicar que quando o cristão morre está imediatamente com o Senhor (Mc 9.4; 12.26-27; Lc 16.19-31; 23-43; 2Co 5.1-10; Fp 1.23). Também há muitas que parecem adiar claramente a ressurreição e a *parousia* ao futuro, estes pontos de vista que parecem distintos se encontram no mesmo escrito, como Filipenses: morrer é estar com Cristo (1.23); entretanto, o "dia" de Cristo está no porvir (1.6-10).

### **3.4 Dois pontos de vista em Coríntios ?**

Não é fácil harmonizar 1Coríntios 15.20-28, 49-54, que parece dar por concluído que o novo corpo nos será dado na *parousia*, com 2Cor 5.1-10, que parece ensinar que o novo corpo é dado imediatamente depois da própria morte.

Provavelmente as diferenças entre estas duas passagens são de ênfase, com suas raízes nos diferentes problemas que haviam por trás delas. Em 1Coríntios 15, Paulo estava preocupado com o fato da ressurreição e com a natureza do corpo ressuscitado. Em 2Coríntios 5.1-10, Paulo estava mais preocupado com o tempo em que um receberia um novo corpo. Suas recentes experiências na Ásia, quando ele ainda havia "perdido a esperança de conservar a vida" e sentindo em si mesmo a "sentença de morte" (2Co 1.8-9), podem tê-lo levado a pensar mais definitivamente sobre a morte e o tempo quando se recebe seu corpo celestial.

A preocupação de Paulo de ter seu novo corpo imediatamente após a morte parece refletir-se em seu gemido de não ser "despido" senão "revestido", "para que o mortal seja absorvido pela vida" (v.4).

### **3.5 Redenção cósmica**

A redenção que começa com a libertação e renovação do homem interior é continuada na redenção do corpo (Rm 8.23). Porém, assim como o corpo é um componente essencial do homem que há de ser redimido, também o é o mundo criado. Paulo viu assim uma redenção cósmica como algo ligado ao homem (Rom 8.19-23). Paulo parece ensinar aqui que o Cosmos não será destruído, mas renovado.

Já em 2Pedro 3.10-13 e Apocalipse 21 dão a entender uma destruição total e o aparecimento de novos céus e nova terra.

Por difícil que seja imaginar uma redenção cósmica, as dificuldades já estão presentes ao se falar da ressurreição do corpo. Se o corpo pode ser redimido em uma ressurreição, o Cosmos mesmo pode ser levado a uma redenção comparável.

## **4. TEMPO E ETERNIDADE**

Uma compreensão adequada do significado do tempo e da eternidade pode ajudar a resolver uma aparente discrepância entre o ponto de vista de que ao morrer um vai imediatamente a um estado corporal a estar com o Senhor e o ponto de vista de que um é ressuscitado para estar com o Senhor somente em uma *parousia* futura.

A difícil questão da natureza e significado do tempo não é um estudo como tal no NT. Entretanto, algo próximo a um aspecto da questão pode ser encontrado em 2Pe 3.8, "*Mas, ó amados, não ignoreis isto: que para o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia.*" O tempo é um estudo adequado para a física e filosofia assim como para a teologia.

O tempo deve ser distinguido da eternidade, ainda que esteja relacionado com ela. Foi quando chegou "a plenitude do tempo" que "Deus enviou seu Filho, nascido de mulher" (Gl 4.4). Quando "E o verbo se fez carne, e habitou entre nós" (Jo 1.14), o eterno se fez presente no tempo. A vinda de Cristo significa que "o tempo (*kairos*) se tem cumprido, e o reino de Deus se tem aproximado" (Mc 1.15).

Se tem feito muitas tentativas para descrever o tempo em termos de alguma imagem, porém nenhuma é adequada. O conceito linear, que vê o tempo como uma linha que se move para frente com cada fato, único e irrepitível, está mais próximo do conceito neotestamentário, porém é inadequado. O NT apresenta duas épocas (*aiones*) superpostas. O cristão vive nessas duas ordens: o histórico-cronológico e o eterno, que transcende o tempo, porém está relacionado com ele. O conceito cíclico, comumente chamado "conceito grego", representa a história repetindo-se a si mesma, com os fatos voltando a ocorrer em ciclos semelhantes aos das estações e colheitas na natureza.

Como se disse anteriormente, o NT em sua concepção de tempo e história está mais próximo do conceito linear que do cíclico ou do espiral (o ponto de vista "espiral" vê o progresso nos ciclos da história, movendo-se sobre uma linha que não prevê para o afastamento, reversão ou repetição de um fato em particular, pois cada um é único ou irrepitível), porém não é idêntico a ele. A grande diferença está em que o ponto de vista neotestamentário vê que o fim do processo linear já apareceu no meio da linha; o "*eskaton*" (fim) já entrou para a história na pessoa de Jesus. Cristo é a meta da história. O tempo e a história não são infinitos e não terminarão como um relógio que para.

Berdiaev chega à conclusão de que o tempo é de três tipos: cósmico, histórico e existencial. Para ele, o tempo cósmico é o dos calendários e relógios, calculado matematicamente sobre a base do movimento ao redor do sol e simbolizado pelo círculo. Descreve o tempo histórico como algo calculado também pelos matemáticos em termos de décadas, séculos e milênios e simbolizado por uma linha. Este tipo de tempo, para ele, se estende até ao futuro e é irrepitível. O terceiro tipo, o tempo existencial, segundo ele sustenta, não está sujeito a medição matemática. Considera que é caracterizado pela intensidade da experiência e simbolizado por um ponto, o movimento em profundidade. Este terceiro tipo de tempo é, para Berdiaev, "enfim a eternidade, não tendo distinção entre o futuro e o passado, entre o fim e o princípio".

Ainda que a eternidade e o tempo estejam relacionados, há uma diferença qualitativa entre ambos. Ambos são reais para Deus e para o homem. A eternidade não é tempo sem fim, como Marsh e Brunner têm argumentado habilmente contra Cullmann. Há mais que uma diferença quantitativa entre o caminho da existência divina e o que nós conhecemos nos limites do tempo.

Se a eternidade transcende assim ao tempo e não é meramente uma sucessão infinita de tempo, é possível harmonizar o que parecem ser duas doutrinas paralelas no NT. Na morte, o cristão está de imediato com o Senhor em estado corporal e esperamos a ressurreição em sua *parousia*. Ambos podem ser certos, se aqueles que estão com o Senhor têm transcendido o tempo com ele. Isto quer dizer que a morte do cristão e a *parousia* podem ser divididas por um intervalo de tempo para nós, porém daí não se segue que este intervalo é fator para Deus ou para aqueles que morreram para estar com o Senhor. O que para nós é futuro é eternamente presente ao ser visto "do outro lado".

## 5. JUÍZO E DESTINO ETERNO

### 5.1 Juízo

Que o juízo ante Deus é inevitável para cada homem é o ensinamento inconfundível do NT. Cada um de nós deverá estar diante do trono do juízo de Deus e dar conta de si mesmo ante ele (Rm 14.10-12). Este juízo é baseado em nossa relação com Cristo tal se reflete no bem ou mal praticado ao estar no corpo (2Co 5.10). O NT não outorga escapatória por meio da aniquilação ou através da perda da identidade individual com a família, nação ou igreja. Cada um deve entrar para a vida eterna sozinho, passando através da "porta estreita", que somente admite de um a um e cada qual deve aparecer só e sem companhia ante o Juiz.

O juízo tem um aspecto futuro assim como um presente. Os homens de Nínive e "a rainha do sul" estarão em pé no juízo e condenarão as gerações mais privilegiadas (Mt 12.41-42). Aparentemente um juízo futuro é implicado em 2Coríntios 5.10 onde diz que "é necessário que todos nós compareçamos ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tenha feito enquanto estava no corpo, seja bem ou mal". Em Mateus 25.31-46, se descreve um juízo final que abrange a todas as nações. Da mesma maneira, um juízo final ante o "grande trono branco" é descrito em Apocalipse 20.11-15. Porém o juízo que nos espera ao "fim do mundo" é o desenrolar externo do juízo já cumprido na presença de Cristo agora.

### 5.2 Separação

Uma separação final entre o povo de Deus e aqueles que não desejam ser seu povo parece ser o ensinamento inexpressável e, entretanto, definido do NT. Que há uma diferença fundamental entre o povo de Deus e aqueles que se negam a pertencer a ele, e que há uma separação final entre eles são fatos terríveis que devem ser admitidos. A salvação não é coercitiva. Chegar a ser um filho de Deus é uma oportunidade oferecida, porém nunca uma relação imposta.

A atividade de Deus, tal como é apresentada na Bíblia, leva sempre ao juízo (*krisis*) e a separação entre as pessoas. Ainda a vinda de Jesus ao mundo foi anunciada como "para queda e levantamento de muitos" (Lc 2.34). Jesus veio para salvar, porém a luz que ele trouxe é só juízo para aqueles que recusam ver (Jo 3.19; 9.39). O abismo entre o rico e Lázaro não pode ser cruzado mais além deste âmbito (Lc 16.26). A porta está fechada para aqueles que desconhecem as condições para entrar para a festa das bodas com o noivo (Mt 25.10-11). A separação é definitiva entre "as ovelhas" e "os cabritos" no juízo, quando o Filho do Homem vir em sua glória (Mt 25.31-46).

### 5.3 Hades

A palavra Hades, de acordo com a sua etimologia, significa "o invisível". No AT é a tradução usual da palavra hebraica "*sh'ol*", o lugar dos mortos. No NT parece referir-se somente ao lugar dos mortos, sem distinguir entre os "maus" e os "justos". Em Lucas 16.23, pode ser que se pense que somente o rico e não Abraão e Lázaro estiveram no Hades. Entretanto, em Mateus 16.18, "as portas do Hades" se entendem melhor como

